

Gira quem gira *bandagira*: movimentos e relações no candomblé de Salvador¹

Ana Rizek Sheldon (UFBA)

Palavras-chave: Caboclos, Candomblé, Movimento

Introdução

O objetivo deste texto é apresentar o modo como conheci Boiadeiro Menino de Vizaura, descrever a sua relação com Padilhas, Pombagiras e Exus na primeira parte do artigo e narrar a sua história conforme me foi contada por Pai Geo, o pai de santo e sambador que roda com ele, na segunda parte do trabalho. As circunstâncias do encontro com Boiadeiro Menino e sua história colocam algumas questões para discutir os múltiplos sentidos e concepções da noção de movimento, que durante a pesquisa junto aos caboclos em alguns candomblés de Salvador e suas maneiras de dançar, apareceu com alguma recorrência, com sentidos variados.

A primeira vez que vi Boiadeiro Menino de Vizaura já tinha perdido as esperanças de encontrar um caboclo Boiadeiro que acolhesse um diálogo comigo como pesquisadora. Durante o período de trabalho de campo, de 2018 até 2023, conversei com alguns caboclos de couro, como também são chamados os boiadeiros, mas por diversos motivos, não consegui cultivar um diálogo mais duradouro nem com as entidades e com os pais e mães de santo.

Um certo dia, durante uma sessão com um caboclo de pena chamado Lage Mineiro, ele me avisou que eu encontraria um menino e uma menina que me ajudariam a abrir mais o entroncamento da escrita. A imagem usada por Lage Mineiro me levou a pensar no processo da pesquisa e na escrita em três versões: como uma estrada, onde o entroncamento remete a tomada de decisão diante de qual direção seguir, como uma árvore cujos troncos engrossam com o tempo e como um rio, que toma outra amplitude, precisão e força quando se encontra com outros rios. A imagem do encontro como abertura de um entroncamento da pesquisa me remeteu a importância dos encontros no processo de pesquisa – sem eles a pesquisa não se concretizaria realmente. A partir do que me disse Lage Mineiro, fiquei ansiando pela chegada do menino e da menina, imaginando quem seriam e em que momento me ajudariam e por outro lado, tentei não me precipitar demais pensando nisso para não perder justamente o momento em que esse

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

encontro acontecesse. Além disso, o modo de se colocar no encontro com outro foi uma questão importante tanto nas circunstâncias em que conheci Boiadeiro, quanto na história do caboclo que ouvi posteriormente e descrevo a seguir.

Boiadeiro Menino de Vizaura e o Samba de Padilha

O modo como conheci Boiadeiro Menino de Vizaura foi muito diferente de como encontrei os demais caboclos que tive contato durante a pesquisa de campo. Neste dia, estava no terreiro de que sou filha, acompanhando como iaô a obrigação de sete anos de uma irmã mais velha². Durante o período dessa obrigação se realizaria, dentre outras coisas, um samba dedicado à sua Padilha. Padilha é uma entidade feminina da rua, mensageira em geral dotada de um senso de humor afiado e alegria radical, apesar de ser também um pouco imprevisível. O terreiro tinha sido preparado para a celebração acontecer numa área aberta localizada na frente da casa perto dos portões que dão acesso à garagem, defronte de onde habita um dos Exus que guardam a casa. Entretanto, durante aquela manhã se armou no céu uma chuva forte com intensa ventania e o samba teve que ser transferido para dentro do barracão, com autorização prévia dos orixás.

A presença de Exus, Padilhas e Pombagiras é muito rara no interior do barracão, eles têm um quarto próprio em outro lugar da casa que dá para um dos corredores externos do local, por isso a necessidade de se confirmar a autorização prévia dos Orixás para que estas outras entidades pudessem adentrar o barracão. Antes do samba começar, a nossa matriarca explicou que a filha de santo que estava fazendo a obrigação era uma boa filha, dedicada, respeitosa e só por isso era possível realizar o samba dentro do barracão, o que continuava a ser uma exceção ao modo de proceder no terreiro. Do mesmo modo, não é costume de casa convidar músicos de fora para as celebrações, mas a filha de santo teve permissão para convidar o grupo de samba para homenagear a sua Padilha, pois o gesto foi compreendido como uma atitude amorosa com a sua entidade.

No momento do samba, todos os filhos da casa estavam animados com a celebração, todos belamente vestidos com roupas coloridas, a casa arrumada, o som testado, as comidas estavam prontas e as bebidas estavam ajeitadas para serem servidas quando o samba começou. O barracão não estava muito cheio porque a festa não era aberta à convidados

² Não foi um momento do meu trabalho de campo e não pude compartilhar o texto com as pessoas do terreiro envolvidas nesta situação, por essa razão os nomes das pessoas não serão mencionados.

que não fossem parentes ou amigos muito próximos aos filhos da casa. Na medida em que as Padilhas, Exus e Pombagiras foram chegando, o movimento da festa foi ficando mais intenso, descontraído e animado, assim como levemente caótico. Quando a Padilha homenageada da ocasião chegou, ela saudou a casa e em seguida apontou com o seu leque na direção de Pai Geo, o sambador, um homem negro, alto e muito forte. O músico que é também pai de santo se levantou da cadeira em reverência, deu um abraço na entidade e ao sair do abraço passou por um desequilíbrio abrupto. Seu corpo pendeu para um lado num giro até quase tombar, apoiando os braços no ar. Ele tentou retomar o eixo e a postura ereta, mas permaneceu sem conseguir recobrar a estabilidade do vetor vertical do tronco, o peso de seu corpo ancorado no apoio dos pés no chão era impedido de se estabilizar. Era Boiadeiro Menino de Vizaura que queria chegar. Enquanto isso, os músicos que acompanhavam o sambador começaram a entoar uma salva que diz “na minha boiada está faltando um boi, está faltando um, está faltando dois” efusivamente, cantiga conhecida por efetuar o chamado de entidades caboclas.

Ao primeiro sinal de instabilidade no corpo do sambador, duas equedes que notaram o movimento imediatamente correram para impedir que o pai de santo caísse ou se ferisse. As duas são bem baixinhas e não conseguiram apoiar com firmeza o corpulento pai de santo, mas conduziram o seu deslocamento cambaleante até um quarto reservado do terreiro. Bem na hora que Pai Geo tomou o barravento, as luzes do barracão se apagaram completamente em decorrência de uma queda de energia no bairro e ficou tudo bem escuro embora ainda fosse dia, devido as nuvens densas que chuva que recobriam o céu.

Pai Geo, então, foi levado para os quartos internos do terreiro e todos no barracão ficaram alvoroçados, os músicos seguiram tocando mesmo sem amplificação elétrica dos instrumentos, os filhos da casa ajudaram batendo nas palmas da mão, percutindo os atabaques e se unindo ao coro das cantigas. Todos sambavam animadamente, quando Boiadeiro Menino de Vizaura voltou ao barracão vestido de colete, chapéu, com ojás devidamente amarrados na vestimenta. Ele deu alguns passos na direção da pilastra central que sustenta a cumeeira da casa, silenciando todo e qualquer ruído ao seu redor. Quando Boiadeiro colocou seu joelho diante dos atabaques para tirar as primeiras salvas, marcando sua chegada com saudações à casa e pedindo licença para fazer o samba para as Padilhas, a energia elétrica voltou, iluminando tudo e causando espanto generalizado.

Ao fazer suas primeiras saudações, o caboclo saudou Jesus Cristo e foi logo explicando que embora a ocasião fosse um samba de Padilha, ele era caboclo e não mudaria o seu jeito só porque suas camaradas não têm o hábito de saudarem Jesus Cristo. Ele afirmou seu respeito às Padilhas, que são suas amigas. Boiadeiro ressaltou que é amigo de Exu e que: “amigo que é amigo não empata o caminho do outro”, por isso os dois sabem caminhar lado a lado, sem que um tenha que mudar o jeito do outro. Boiadeiro completou sua saudação dizendo: “Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo, para sempre seja louvada nossa mãe Maria Santíssima, maior do que a terra são as águas, acima das águas a Coroa, acima da Coroa está Deus no céu, Acima do medo, a coragem. Gira ou não gira? Gira”. E só então Boiadeiro cantou sua salva de apresentação: “Que vento forte que aqui passou, foi Boiadeiro que aqui chegou”. E em seguida, ele saudou Ogum, dono da cumeeira da casa e pai dele (Pai Geo é um filho de Ogum) e agradeceu por ele mesmo tê-lo levado de volta a ao terreiro da mãe de santo com quem estivera vinte anos antes. Boiadeiro Menino contou ainda que a matriarca tinha guardado uma coisa que era dele e que agora, como prometido, tinha voltado para buscar. Na entrevista realizada alguns meses depois, Pai Geo contou que a matriarca havia tirado o nome do orixá de seu pai de santo, foi a matriarca que estava presente ao lado do Orixá quando ele enunciou seu nome diante de toda comunidade, o que formaliza um vínculo entre a mãe de santo e o orixá. Pai Geo, descreveu a ocasião em que Boiadeiro conheceu a matriarca da seguinte maneira:

Eu fui fazer um trabalho na casa de uma filha de sua mãe de santo, que já está com muitos anos de idade e é também mãe de santo. Na época, 20 anos atrás, eu estava novo, com 4 anos de santo. Nesta festa, Boiadeiro foi e sambou com o Capangueiro de sua mãe. Fez aquela coisa toda e quando seu Capangueiro foi embora, Boiadeiro pegou aquela guiada e entregou para ela dizendo que um dia ele iria na casa dela buscar, nessas novelas levou 20 anos. A gente se encontrava e ela dizia “oh, meu filho, vai acontecer” e nunca aconteceu (Trecho de entrevista com Pai Geo, concedida em 31 de agosto de 2022).

A guiada é um apetrecho usado para tanger o gado, há uma cantiga cantada por caboclos boiadeiros que diz “Seu boiadeiro cadê sua guiada? A minha guiada ficou em Belém, meu chapéu de couro ficou lá também. Sem minha guiada eu não sou ninguém” – a cantiga remete à natureza itinerante dos trabalhadores que atravessam o gado entre um lugar e outro, dá uma dimensão da ferramenta que aponta a direção por onde ir, além de explicitar a importância do auxílio da guiada e do chapéu para a qualidade desse deslocamento. No dia do samba, o objeto guardado cuidadosamente por duas décadas pela matriarca, foi devolvido ao Boiadeiro no momento oportuno.

O modo do pai de santo narrar como os eventos culminaram no reaver da guiada de Boiadeiro Menino, coloca em relevo um senso de ocasião - a ação do caboclo finalmente foi atualizada com uma resolução depois de vinte anos. Ao entregar a sua guiada para a mãe de santo, Boiadeiro deixou uma situação em aberto, lançando para o futuro o prolongamento de um laço de amizade. Durante duas décadas, quando se encontravam, a yalorixá e o pai de santo falavam a respeito da guiada, sem saber ao certo quando a ação do caboclo se atualizaria. A incerteza dos dois sobre o momento da resolução da situação, coloca em questão a autonomia dada ao caboclo em criar caminhos por ser percorridos por ele. Nenhum dos sacerdotes tomou à frente para se adiantar à ação de Boiadeiro. Nesse sentido, o caminho a ser percorrido com êxito pelo caboclo contou com a hesitação, ou a suspensão temporária da agência (RABELO: 2014, pg. 169) dos dois demais envolvidos que não bloquearam a possibilidade de Boiadeiro dar conta da situação. O caboclo teve autonomia em dar continuidade a algo que ele mesmo começou vinte anos antes. De certa forma esse modo de proceder ressoa no postulado de Boiadeiro de que “amigo que é amigo não empata o caminho do outro”, pois a aliança entre estas pessoas e seus respectivos caboclos não deixa de ser também uma relação de amizade.

As Padilhas e Pombagiras presentes no samba receberam Boiadeiro Menino muito bem, a Padilha homenageada da ocasião lhe deu um abraço e sambou bastante com ele. Ela cumprimentou a maioria dos presentes que estavam pelo barracão com abraços. Entre um samba e outro, apontava seu leque na direção de alguém chamando a pessoa para lhe reverenciar. A direção apontada pelo leque indicava uma solicitação de interação e carregava um vetor. Uma das abiãs da casa, ao estar na mira da ponta do leque da Padilha perdeu o controle das pernas e caiu no chão, levando um tempo até conseguir recobrar a firmeza e a força das pernas, o que só aconteceu depois de ser socorrida e levada para fora do cômodo auxiliada por uma mais velha. Mais tarde, depois de alguns instantes de samba começado, a matriarca do terreiro se aproximou de Boiadeiro Menino de Vizaura para lhe devolver a guiada. O gesto desestabilizou o prumo de seu corpo, atraindo a atenção de todos no barracão. Tanto o leque da Padilha, como a guiada de Boiadeiro mediaram transformações qualitativas: o leque abriu um vetor de força que desestabilizou o corpo da abiã e a guiada passada de mão em mão alterou o espaço corporal da mãe de santo, em seu modo de se mover. A composição que dispõe os objetos em relação com entidades e pessoas abriu vetores de força que poderiam ter operado como apelos, envolvendo a possibilidade de que outras entidades respondessem ao chamado. As duas

situações possuem, porém, implicações muito distintas. Enquanto a vinda de uma entidade de uma filha da casa não iniciada poderia adicionar uma entidade nova no conjunto de entidades que compõe o terreiro, a instabilidade no movimento da matriarca poderia redimensionar o futuro do samba. Se a desestabilização culminasse na chegada do caboclo Capangueiro da mãe de santo, os demais caboclos dos filhos da casa poderiam chegar em resposta, fazendo o samba mudar de tom. O risco de mudança vai ao encontro com o hábito da casa: neste terreiro, os caboclos não coexistem em festas e celebrações por muito tempo com Exus e Padilhas.

No decorrer do samba, todas as entidades estavam especialmente alegres, interagiram muito, deram risada e sambaram bastante. Durante todo o festejo, Boiadeiro Menino manteve uma atitude gentil de mestre de cerimônias, permitindo que outras entidades e pessoas entoassem cantigas. O modo como o Boiadeiro mencionou uma a uma as entidades com as quais mantém uma coexistência forte chamou atenção. Ele fez todos notarem a vizinhança operada pela sua ação entre Exu, Ogum, Padilha, Jesus e Maria, marcando uma condição que lhe é característica: como mestre de cerimônias ele é mediador entre seres distintos e por isso, não deixa de demonstrar respeito, mesmo que com isso tenha que recorrer a uma atitude pouco habitual.

Nos terreiros em que realizei a pesquisa de campo, a coexistência entre Exus, Padilhas e Oguns se dava com maior proximidade do que entre essas entidades com Jesus e a Virgem Maria. Embora tenha escutado com recorrência caboclos mencionarem santos católicos, a reunião deles com Exu, Padilha e Ogum não foi algo corriqueiro. Por ser um caboclo, Boiadeiro pôde saudar Jesus e Maria, sem desrespeitar Exus e Padilhas, ainda que a defesa da sua saudação tenha sido necessária para afirmar o cabimento da reverência para a ocasião.

Além disso, no dia do samba de Padilha, a explicação da matriarca do terreiro acerca da realização do samba dentro do barracão colocou em relevo a necessidade de negociar com uma diferença para se resolver a realização da festa. A tempestade formada lá fora poderia inviabilizar o evento, caso não houvesse autorização da sua migração para dentro barracão. A cautela para adentrar um espaço habitado e o respeito na convivência entre diferentes entidades foi algo que se afirmou mais de uma vez naquela ocasião. A cautela apareceu também na fala de Boiadeiro sobre o respeito e a amizade que ele nutre por Padilhas, Pombagiras e Exus, vínculo que o permite expressar condutas que o diferem destas entidades, sem ser interditado ou repreendido na sua presença, ressoando na

proposição de que “amigo que é amigo não empata o caminho do outro”. Nesse sentido, saber partilhar o caminho é uma das condições para a amizade. Para caminhar ao lado de outros sem barrar seu deslocamento é preciso considerar a sua presença e os termos em que ela se manifesta, o que neste caso compreende ter em conta que saudar Jesus Cristo e a Virgem Maria constitui uma divergência entre caboclos e exus, mas ainda assim fazer valer que a saudação é importante, embora possa desagradar alguns amigos. Uma divergência não necessariamente enfraquece a amizade.

Gira ou não gira? Gira.

Na discussão elaborada por Rabelo e Aragão (2018, p.87) sobre a convivência entre caboclos e orixás no terreiro, o espaço é descrito enquanto um plano onde diferenças se encontram e se conectam sem que sejam apagadas ou neutralizadas. Em determinadas disposições espaciais, a diferença permanece operante na coexistência entre as entidades. No caso do dia do samba de Padilha, os orixás permitiram a entrada das entidades da rua no barracão sem com elas se fundirem, o caboclo não deixou de ser caboclo por ser mestre de cerimônias do samba das Padilhas, as Padilhas não deixaram de ser entidades da rua por permitirem a saudação de Jesus Cristo e da Virgem Maria no samba que lhes reverenciava. Por sua vez, o barracão passou por uma variação pouco habitual a partir da entrada das entidades que raramente adentram o local.

No barracão, o aiê, o mundo dos humanos se conecta ao orum, mundo dos orixás; pisando no chão enquanto dança, a filha de santo põe em movimento e refaz esta conexão. O chão prepara seus adeptos: redireciona a percepção, convida à passividade, promove a submissão. Localiza as relações entre humanos e orixás, ajudando a firmá-las, ao mesmo tempo em que as submete à mediação do lugar. Podemos dizer que o elemento que define o terreiro como lugar são as pessoas e deuses que nele se encontram. Mas esta definição é ainda pouco precisa: deixa escapar o fato de que o terreiro não é apenas o lugar onde se encontram entidades diversas, formado pela confluência de suas variadas trajetórias, é também o chão que as reúne ou que faz acontecer seu encontro. O terreiro é um espaço denso, não apenas internamente diferenciado, mas internamente tensionado por diferentes forças ou apelos – ao lado da constante solicitação para que atendem e se envolvam no movimento e transformação, os adeptos são confrontados também com o apelo centralizador do chão – que fixa no lugar (RABELO: 2014, pg. 261).

O barracão do terreiro, onde fica plantado o axé da casa, é um salão com paredes brancas e piso frio, com espaço amplo ao redor da pilastra central. Na lateral esquerda estão os atabaques, logo atrás de uma mureta que os abriga, entre duas portas laterais, uma dá para

o assentamento dos caboclos e a outra para o quarto de santo. No canto direito há uma porta que leva à camarinha e um mural com fotos e documentos que registram a história da casa. Na parede do fundo estão dispostas as cadeiras dos filhos mais velhos colocadas sobre um pequeno degrau bem defronte as duas portas que ligam o salão com a área externa do terreiro. Apesar das características estruturais do barracão se manterem inalteradas, a sua feição varia bastante conforme o movimento que ele abriga.

A palavra movimento neste caso adquire muitos sentidos. Na sua salva de apresentação, Boiadeiro Menino se apresenta como um vento forte, algo que pode ser notado pelo movimento, cuja dinâmica também faz mover, que carrega a chuva, vira a folha, faz mudar o tempo – uma escala climática e atmosférica de movimento. No caso das dinâmicas relacionais vividas no candomblé, nem todos os movimentos partem das pessoas, por vezes, são processos que estão acontecendo e diante dos quais é preciso tomar uma atitude, mas para isso é necessário saber chegar, se colocar no mesmo fluxo.

Por muito tempo viveu-se baseado numa concepção energética do movimento: há um ponto de apoio, ou então se é a fonte de um movimento. Correr, lançar um peso etc.: é esforço, resistência, com um ponto de origem, uma alavanca. Ora, hoje se vê que o movimento se define cada vez menos a partir de um ponto de alavanca. Todos os novos esportes – o surfe, windsurfe, asa delta – são do tipo: inserção numa onda preexistente. Já não é uma origem enquanto ponto de partida, mas uma maneira de colocação em órbita. O fundamental é como se fazer aceitar pelo movimento de uma grande vaga, de uma coluna de ar ascendente, “chegar entre” em vez de ser origem de um esforço. (DELEUZE: 2013, pg 155)

O movimento está na definição da cosmologia Bantu-Kongo de “Kalûnga, princípio-deus-da-mudança, é a força em movimento e, por causa disso, nossa Terra e tudo nela estão em perpétuo movimento” (FU-KIAU: 2024:, pg. 36), definição que conflui com a concepção de que o fluxo de força vital que conecta pessoas e divindades está sempre movimento. Diferentes escalas de movimento envolvem diversas formas de perceber suas implicações, o movimento pode ser percebido enquanto variações qualitativas notadas: nas transformações espaço-temporais, fenômenos naturais, manifestações coletivas, movimentos corporais, mudanças históricas. Na rotina de um terreiro, sempre em transformação, conjuntos de elementos reunidos são colocados em composição para fortalecer o fluxo de energia vital (de axé) da casa e de seus filhos, o que envolve fazer, chamar, alimentar, cuidar de forças cósmicas como Orixás, Exus, Caboclos. Movimento

pode ser uma disposição corporal das pessoas que colocam em evidência intensidades de fluxo de energia vital, modulações específicas de divindades e processos mais amplos de transformação, transformações que englobam também a ação dos ancestrais.

No texto em que discute as oferendas animais nas religiões de matriz africana, Goldman propõe traduzir a complexidade em jogo nas oferendas como “um *corte* que introduz no fluxo de vida pontos que permitem a captura, a concentração, a condensação e a distribuição do axé – essa energia vital que constitui tudo o que existe e pode existir no cosmo” (GOLDMAN: 2023, pg. 235). Uma celebração também envolve condensação, distribuição e recomposição de fluxos de energia vital. Uma obrigação de sete anos que inclui a ocorrência de um samba de Padilha (ocasião descrita até aqui), opera a ampliação de axé e vínculo da filha de santo e de todo o terreiro com estas entidades. O que está em jogo numa celebração é a convergência entre pessoas e entidades na modulação da energia vital da casa. O chão do terreiro reúne, condensa e distribui os fluxos de força vital, pelas séries de encontros que ali se desenrolam, na confluência operada pelo terreiro.

Em muitas ocasiões o barracão é preparado para receber o evento, celebração ou cerimonia interna, com procedimentos específicos ou decorações. No dia do samba de Padilha, porém, o salão não tinha ganhado nenhum preparo específico previamente, porque o planejamento era tudo acontecer na parte externa da casa. Mesmo assim, a presença das Padilhas, Exus e Pombagiras, o cheiro de cigarro, o consumo de bebida alcoólica, as sonoras risadas e as vibrações do samba de viola promoveram uma transformação. As variações que a transformação da ocasião produziu, se destacam do pano de fundo compartilhado pelos filhos da casa – um modo de fazer, um jeito de dançar, um conjunto de práticas cultivadas coletivamente que conformam o ritmo dessa casa em específico.

O modo de agir das Padilhas abriga um repertório gestual que se dá a ver de modo mais expansivo se comparado aos dos orixás que geralmente habitam o barracão. Numa celebração dedicada aos orixás, a espiral do xirê ao redor da pilastra da cumeeira segue um fluxo modulado por um repertório de gestos formal e coeso, a todo momento pausado por reverências. Quando os orixás vêm tomar parte da celebração, seu modo de se mover adquire contornos precisos, infinitas possibilidades percorrem o intervalo entre um gesto e outro, mas a coesão entre os gestos é justa e por isso as variações fazem diferença.

Em sua análise acerca das maneiras de dançar de diversos coreógrafos fundadores da dança contemporânea ocidental José Gil descreve o gesto dançado como um fluxo de energia que opera dois planos diferentes de movimento – em um dos planos a emergência do gesto é perceptível para quem vê de fora e no outro plano uma infinidade de variações de pequenas mudanças implica em possibilidades ainda por se fazer, a percorrer a trajetória do gesto. Essas infinitas possibilidades compõe um plano subterrâneo virtual do movimento que se atualiza em todas as mínimas alterações de modulação e direção do gesto.

O desfasamento entre duas velocidades, a do movimento subterrâneo e a do momento visível, que caracteriza o gesto dançado define o espaço dos possíveis que não foram atualizados e que a dança faz emergir: abre o campo dos possíveis no espaço e no tempo, dilata o corpo e a sua presença, anuncia o que o corpo pode e que ele não pôde agir (GIL: 2001, pg. 118).

Apesar da análise de Gil não ser dedicada às danças das religiões de matriz africana, ela permite pensar sobre a natureza virtual do movimento corporal. A noção de virtual remete ao que é emitido e absorvido, criado e destruído em tempo menor do que o mínimo de tempo contínuo pensável, um caráter de brevidade que sustenta um princípio de incerteza e indeterminação (DELEUZE PARNET: 1998, pg. 121), desse modo todo atual é envolto de uma névoa de virtualidades que se renovam, virtual e atual se conectam por um circuito, um e outro se retroalimentam. Os gestos visíveis são povoados de múltiplas variações mínimas virtuais possíveis que não necessariamente são visíveis. O gesto visível não deixa de emergir deste plano subterrâneo de movimento virtual de que vive o gesto dançado. Séries paralelas de movimentos saem de um plano e outro compondo o modo de fazer a coreografia a cada momento, a cada interação e celebração. O dançar é uma maneira de inserção nas espirais do fluxo de energia vital, uma maneira de condensar, distribuir este fluxo e de compor e fortalecer vínculos.

Estes planos de movimento alteram também a espacialidade que o movimento adquire transformando o ambiente em que se encontra o corpo que dança. No caso do movimento em prática no candomblé um outro plano virtual se abre ainda, o que envolve, vincula e chama um outro ser – o movimento aliado a outros elementos ajuda compor o evento relacional que solicita a presença uma divindade que vem partilhar o gesto e que faz do corpo do rodante uma zona de indeterminação (RABELO: 2014: pg. 132) em que a pessoa e a identidade se aproximam, se contaminam e se confundem. Ao dançar, uma entidade coloca em evidência um modo de dar vazão a fluxos de energia vital, de conduzir

trajetórias de movimento, de atualizar jeitos de mover-se compartilhados por gerações, modos de fazer determinados gestos e reverências, maneiras de interagir que estão ancorados em parâmetros coletivos de existir. Todos estes planos entram em composição no movimento dançado. Nesse sentido, nas culturais orais e gestuais africanas e indígenas, o gesto inscreve uma temporalidade (MARTINS: 2021, pg. 89) fazendo do corpo ambiente e local da memória. A dança praticada nos terreiros perfaz uma entrada no fluxo de energia vital e grafa uma variação na fluência deste fluxo que pode ressoar por gerações.

No samba em reverência às Padilhas, a chegada das entidades constitui uma variação bastante marcante na maneira dos movimentos se darem a ver. Cada entidade tem seu próprio modo de sambar, sua maneira de combinar os passos, com gestos cotidianos de beber espumante em taças, fumar, girar, manusear a saia, muitas vezes levantando a vestimenta, rir inclinando o tronco para trás balançando os ombros com graça. Cada gesto se inscreve nas circunstâncias em que é feito, a risada, por exemplo, pode ser um xiste, uma pilhéria, uma saudação, um flerte, um recado. A maneira como elas interagem e o que elas dizem também difere das pessoas que rodam com elas, como mensageiras, Padilhas, Pombagiras e Exus são mediadores, levam e trazem recados, indicam procedimentos e avisos, inscrevem situações envolvendo outras entidades e pessoas. Na explicação de Pai Geo, Exus e Caboclos convivem conosco, mas vivem também em outras dimensões em que podem aprimorar seu aprendizado:

Tem Exu que está desenvolvido, ele passou na dimensão dele pela pessoa, ele simpatizou com a pessoa e acompanha aquela pessoa. Isso o catiço, aquele que trabalha. Exu não é só orixá, ele tem uma missão que é dele. De todos, tem uns que vem desenvolvidos e uns que precisam da orientação do outro. Um sempre vai orientar. Tem a gente, matéria que dá orientação, mas existe mentor espiritual que está no nível dele, um orienta o outro. A mesma coisa o caboclo, o caboclo vem novo, na mata ele vem se desenvolvendo, tomando aquele corpo, tomando aquela mente, se desenvolvendo. Então é pela direção de um mais velho que vai dando o caminho. Na realidade da vida, tem a aldeia e tem o cacique, ele é o orientador daquela tribo, são todos irmãos, mas todos reverenciam e respeitam o cacique, que significa que é o líder daquela aldeia. Então a missão de meu pai [Boiadeiro Menino de Vizaura] é ter apanhado assim minha vida, ser esse homem maravilhoso. Ele é o administrador desta casa, o reinado dessa casa é de Ogum, mas a administração é dele. Eu não rodo com Exu, mas ele tem a missão de ser um mensageiro, o que Exu mandar, o que fizer e ter. Quem chega vê a casa, isso aqui é dele, a gente transforma no dia-a-dia para uma

coisa e outra, mas o administrador é senhor Boiadeiro (Trecho de entrevista com Pai Geo, concedida em 31 de agosto de 2022).

O movimento multiplica planos de possibilidades e inscreve diferenças tanto no futuro quanto no passado de pessoas e entidades, o que exige cautela e cuidado. Pai Geo, aponta para o aprendizado das entidades, a troca e a condução que entidades mais velhas oferecem às mais novas. As entidades se diferenciam ao longo do tempo de sua existência e das relações que estabelecem com outras pessoas e outros seres com que convivem. Exus e Caboclos são mencionados pelo pai de santo como seres que recebem orientações, vivem situações de aprendizado e convivência. O convívio entre eles também exige um certo cuidado. Na entrevista realizada com Pai Geo, a cautela aparece com mais clareza quando o pai de santo conta que Boiadeiro é quem responde quando ele faz as obrigações para o Exu de sua casa:

Ele vem para homenagear o Exu, porque o Exu d'Ogum não vem em terra, ele vem fazer as vezes de Exu, traz conta de Exu, traz tudo homenageando Exu, depois ele dança para Exu, faz os atos todos dele. Ele chama os camaradas todos, as Padilhas, os Exus. Ele diz que a festa é de Exu, mas se os caboclos quiserem vir, a porta está aberta, vem que quiser! É caboclo e a viola comendo no centro! Ele chega e fala "Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo", "Para sempre seja louvada nossa mãe Maria Santíssima". Ele não vai negar ou esconder que é caboclo, mesmo se ele está fazendo a vez de Exu. Ele chega, ele explica. [...] Ele é um espírito de luz que orienta, ajuda. Quando ele vai em festa de Exu, quando chamam ele, não é sempre que ele vai, tem que ter um caminho. Quando ele chega, nem sempre ele diz "Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo", porque eles não gostam disso nos caminhos deles, então ele vai falar "Gira quem gira, *Bandagira*" que quer dizer "dá licença de passar". Ele canta muito senhores mestres, mestres são eles daquele kambando, que significa daquela *quizumba*, daquele movimento – mestres são eles. "Senhores mestres, com sua licença, deixa eu pisar no seu *canzuá*, com sua licença deixa eu passar [ele está pedindo licença a Exu], licença *burumundu*, olha eu, licença me queira andar, licença, *Bandagira*". Isso é ele pedindo licença para entrar, então ele vai saber o que ele vai cantar, se ele veio da Mina do ouro, se ele veio de qualquer terra, só depois o couro come. E ele ensina quando um Exu vai na terra de caboclo, é a troca. Porque ele pede, senhores mestres, com sua licença, então cada um tem a sua forma de chegar e pedir. Ele não faz feio! (Pai Geo, trecho de entrevista concedida em agosto de 2022).

A maneira de Boiadeiro Menino agir na sua chegada e a explicação de Pai Geo ressaltam uma abertura na disposição de se apresentar e interagir. O seu modo de se manifestar varia

conforme quem está presente e quem o recebe, o que o faz diferir também no seu cantar e de anunciar de onde veio. A descrição do pai de santo remete à uma orientação situacional, o lugar de chegada ressoa na terra de onde se parte e vice-versa. A maneira de chegar requer um pedido de licença, as condições em que se é recebido fazem diferença na forma de agir para não fazer feio. Reciprocamente, Boiadeiro Menino de Vizaura orienta o Exu que vai na terra de caboclo, há uma relação que envolve as diferentes entidades.

Uma das coisas que distinguiu Boiadeiro Menino de outros caboclos que tive a honra de conhecer durante a pesquisa foi a parte final de sua saudação. Na sua última frase, ele deixa no ar a pergunta “Gira ou não gira? ”, por ser respondida pelos que o escutam. Gira é uma palavra que tem muitos sentidos, dentre os quais um movimento de rodar ou virar, além de ser um adjetivo das entidades mensageiras da rua. Além disso, é uma palavra que está contida na expressão *bandagira*, palavra que é um pedido de licença. Gira é um termo polissêmico para designar aquilo que faz mover, que produz um movimento em outros, algo que é feito coletivamente, que compõe a expressão que surte efeitos ao situar a condição relacional de uma interação que é o pedido de licença.

Quando “faz as vezes” de Exu, Boiadeiro Menino de Vizaura se insere em um movimento cujos mestres são outras entidades. Ele se faz inserir no giro, nos caminhos de seus amigos, sem ocupa-lo de maneira a impedir que outros se façam presentes também, nem tampouco deixando de girar à sua maneira. Gira quem gira é um trecho da música cantada por Pai Geo que coloca uma habilidade por se fazer, ou seja, é quem segue o fluxo da gira girando que gira com ela.

A fala de Pai Geo aponta que nem sempre Boiadeiro vai às festas de Exu, tem que ter um caminho. A noção de caminho, como discutida por Marques (2018, pg. 12) traduz uma condição de necessidade de cultivo de uma relação. Essa relação não é dada previamente, ela pode ser apontada de antemão, mas se atualiza na medida em que se efetua praticamente. O caminho é uma via indicada para o cultivo dessa relação, um trajeto de movimento a se percorrer, um percurso a seguir, um processo por se fazer, que envolve riscos. Empatar o caminho de um amigo é um risco. Boiadeiro Menino ajusta seu modo de caminhar quando seu caminho encontra o de um amigo e no relato de Pai Geo a amizade faz diferença ao se percorrer um caminho.

Guiada, copo d’água e cabana.

No dia em que ocorreu o samba de Padilha, um evento passado foi retomado durante a festa. Embora fosse muito rara a presença de músicos de fora nas celebrações do terreiro, a vinda de Pai Geo - agenciada pela filha de santo que dava obrigação, autorizada pelos orixás da casa e pela mãe de santo – atualizou uma possibilidade apontada vinte anos antes. Quando Boiadeiro Menino chegou e pediu para a matriarca devolver a sua guiada, sua atitude se remeteu ao momento em que ele deixou o objeto com ela anos atrás e isso se conectou com o caráter incomum da participação de músicos de fora numa festa da casa. A possibilidade de uma relação de amizade a ser cultivada foi retomada e recriada através da relação da filha de santo da casa com o músico, da Padilha com Boiadeiro Menino e dele com a mãe de santo. Mesmo que o evento tenha retomado um caminho já apontado anteriormente, uma relação de amizade exige cultivo e cuidados contínuos, o efeito futuro desse cultivo depende da disposição de manter um vínculo atualizado, seguir o caminho apontado, ainda que ele não leve além do próprio caminhar de quem o percorre.

A guiada é um instrumento usado para tanger o gado, com ajuda dele, o vaqueiro configura uma direção. Durante o samba, o objeto foi um mediador de uma conexão entre o Boiadeiro e a mãe de santo pelo fato da matriarca ter guardado aquele objeto por tanto tempo e de o ter a postos para ser devolvido ao ser solicitada a fazê-lo. Quando a guiada foi entregue das mãos da mãe de santo às de Boiadeiro, o gesto foi seguido de um momento de instabilidade: o eixo da sacerdotisa teve o prumo deslocado, alterando sua maneira de caminhar. A tensão nos seus passos foi transformada e todo o barracão ficou atento a ela. Por um instante, a sutil variação no corpo da matriarca colocou em relevo possibilidades que até então não estavam em questão, o risco de outras entidades chegarem em resposta a vinda de um caboclo seu. O corpo da matriarca é um vetor de conexão e variação: a conexão travada através de seu corpo entre o chão e o céu cria uma extensão dos efeitos da chegada de suas entidades para as de todos os filhos de santo rodantes da casa. A cabeça descoberta e os pés descalços não chão conectam a mola do movimento, como ela mesma costuma dizer, e fortalece a conexão com Orixás, Caboclos etc. Seu movimento aciona uma série de consequências, reverências e a convocação de outras entidades, o que pode alterar a configuração de quem se faz presente ou não em cada ocasião.

Dessa maneira, o gesto de entregar a guiada alterou a densidade da tensão no barracão, trazendo à tona outras intensidades atmosféricas que começaram a aparecer: as equedes se mobilizaram, os ogãs ficaram atentos, os filhos de santo apreensivos. A amplitude da

relação da mãe de santo e das suas entidades se prolonga às entidades dos filhos da casa, seu corpo é um ponto de convergência relacional das forças cósmicas de toda a casa, por isso, o movimento que atravessa o seu corpo ressoa de maneira bastante específica, atraindo a atenção de todos. A vinda de seu caboclo Capangueiro poderia alterar o desenrolar do samba, povoando o barracão com mais caboclos e colocando a predominância das Padilhas no samba em risco. Ao mesmo tempo, a mãe de santo pode determinar o encerramento do samba. Depois de algumas horas de festa, a matriarca da casa tirou salvas de despedida e tentou conduzir Boiadeiro ao local onde ele seria mandado embora. O caboclo, por sua vez, tentou desviar da condução da mãe de santo, ela o encaminhou porta a fora por uma das saídas do barracão e ele deu à volta adentrando o local pela outra porta lateral. Alguns instantes depois, Boiadeiro atendeu à solicitação da matriarca e se despediu. Assim como o corpo da matriarca, a guiada e o leque da Padilha, outros elementos relacionais entre pessoas e entidades podem constituir como vetores de conexão.

Pai Geo conta que Boiadeiro Menino de Vizaura viveu como um parente distante de sua mãe que, quando criança, foi atingido por um boi que tentava arrebentar uma cerca e faleceu. Ele mencionou que a primeira vez que Boiadeiro se mostrou na sua vida foi durante uma sessão de mesa branca na casa de uma tia com quem ele se cuidava antes de se iniciar.

Tinha uma tia minha que era de mesa branca, tinha sessões na casa dela toda terça-feira e de pequeno todo mundo frequentava. E lá que começou a história do meu lado. Ela dizia para minha mãe que mais tarde ela ia ter que cuidar de mim. E na juventude eu não entendia muitas coisas, minha mãe não queria muita pressão, o caminho dela não era esse. Chegou mais um amigo na casa, no centro que era de mesa branca, que participava da reunião, mas a linha dele era o candomblé. E ele foi o nosso primeiro orientador, pai Irailson de Oxum. Chegou o período que teve que dar um bori, fui eu e mais três. Mas até então fizemos o bori para dar equilíbrio, não tínhamos obrigação de Orixá. Neste bori, quando chamou, o papai aqui [Ogum] respondeu, os outros dois irmãos balançaram, mas o santo só veio panhar depois. Começou naquela coisa toda, isso foi em maio, passados uns três meses no dia da sessão, eu estava sentado num canto, minha tia sempre tinha um livro de oração, e um de presença sobre a mesa. Eu estava limpando e sentei na mesa e disse: “oh, minha tia, tem uma cantiga que eu gosto tanto” e ela perguntou “qual é, meu filho?”, eu cantei assim “foi nesse passo que eu sai da minha aldeia, montado no meu cavalo, com meu chapéu do lado, quando eu saí a minha mãe me abençoava”. Estavam ela e Irailson sentados na mesa, que tinha um

copo, um olhou pra outra e perguntou “você viu o que eu vi?” Aquele povo antigo era sempre muito discreto, não dizia muita coisa, mas um olhou para outra e viu, que depois quando eu cantei apareceu no copo um chapéu de couro, ele já dando um sinal. E eu achei estranho e perguntei, o que foi minha tia? E ela “nada menino, deixa para lá, mais tarde você vai saber” (Trecho de entrevista com Pai Geo, concedida em 31 de agosto de 2022).

Na situação relatada por Pai Geo, Boiadeiro Menino de Vizaura faz surgir um chapéu de couro no copo d’água, como um indício da presença do caboclo na vida do futuro pai de santo, apontando uma relação a ser cultivada posteriormente, um caminho. Hoje em dia, Boiadeiro Menino é quem administra o terreiro de Pai Geo, ele é mestre de cerimônias da celebração do Exu da casa que acontece na semana anterior ao carnaval. Em 2023 tive a alegria de comparece à festa. Boiadeiro Menino é um mestre de cerimônia muito amoroso e generoso. Exus e Caboclos presentes festejaram juntos, conversaram com os convidados, passaram recados, dançaram, cantaram e beberam bastante. O barracão do terreiro é um amplo salão aberto de um dos lados para uma bela vista do bairro da Liberdade, na ocasião da festa estava completamente ocupado por frequentadores, amigos e filhos da casa. Na parede ao fundo da porta de entrada há uma cabana com as ferramentas, bebidas, vestes de Boiadeiro Menino, a casa dele fica nesta cabana dentro do barracão do terreiro, ao lado e um pouco à frente da sua cabana ficam dispostos os atabaques, por isso, no dia da festa praticamente apenas ogãs ocupavam as imediações da casa de Boiadeiro.

O caboclo tem participação no estabelecimento do terreiro do pai de santo no atual endereço em que é hoje. O terreno era do genitor de Pai Geo que havia dado casa para uma de suas irmãs, mas a construção tinha que ser refeita e uma laje precisava ser batida. Boiadeiro então fez um acordo com a irmã do pai de santo, ele ajudaria ela a bater a laje e ela cederia o local para ele fazer seu samba:

Meu pai já tinha dado para minha irmã caçula que mora aqui embaixo essa casa. Mas a gente morava lá em cima. Vinha pedreiro safá pedreiro e nunca terminava essa casa. Só sei que ele arriscou, disse que ajudava ela a botar a casa de pé. A casa já existia, mas tinha que bater a laje. Mas assim que batesse a laje, ele queria um samba aqui em cima. Eu tinha batido a laje. No bater da laje, eu não sabia e fiquei quieto. Ficou a laje pronta, nem minha irmã me disse nada, nem eu não estava sabendo de nada. Quando bateu [a laje], ele veio e arriscou, “Sim seu Mara, e aí? E o acerto da gente?!”, ela respondeu: “Olha, Bóia, tem que ver um negócio”, ele então:

“Pois avisa meu filho que ele tem que entrar nesse samba” de eu disse “Eu? Vou fazer o que?!”. E esse homem começou a apertar meu juízo, tudo para cobrar, que era para fazer uns corres, que era para ele ajudar também. Só sei que foi aquele corre-corre para murar isso aqui, foi pau viola, aqui não tinha nada, essa parte da cabana dele não existia, não era batido de laje, era um muro assim. Fechou, cimentou e eu fiquei quieto, porque ou canta ou assovia, como é que tem que murar, fazer e isso dar em samba? E eu deixei as coisas se acalmarem, e ele dizia “eu quero meu samba”, e eu pensava, como ele quer um samba e eu no meu trabalho para fazer meus corres, ele dizia “não quero saber”. Só sei que foi nessas demandas, a gente murou, pintou direitinho, eu pinte o chão, a cabana era daqui para lá, botou umas palhazinhas, eu só sei que nesse samba o couro comeu e ele ainda quis viola. O samba da laje só tinha aqui e era mais na festa dele, não cheguei a fazer coisa de pai [Ogum], as coisas de pai não chegou a ser antes de cobrir. Samba na laje porque era no tempo, não tinha nada disso aqui, e em todos os anos na festa dele acontecia (Trecho de entrevista com Pai Geo, concedida em 31 de agosto de 2022).

Depois de um certo tempo, a casa precisou passar por alterações por conta de uma infiltração que estava descendo para as residências de baixo, a irmã de Pai Geo alterou a construção, subiu pilastras de sustentação para cobrir a laje e continuar subindo a casa. Por conta das pilastras, a cabana do caboclo teve de ser removida. Boiadeiro Menino então veio e deixou o recado que ficou ofendido de ter sido botado para fora, ficando dois anos sem aparecer, ele vinha em outros lugares da casa, mas não colocava os pés no local onde tinha sido sua cabana. Até que, durante um samba que ocorria em outro local da casa, ele chamou o caboclo de jovem moça presente que não vinha a muito tempo, o caboclo tinha dado um livramento a ela, impedindo que a jovem se ferisse em um acidente de moto. O caboclo então orientou que ela tomasse alguns cuidados, porque era preciso realizar alguns procedimentos. Finalizados os procedimentos, a moça resolveu agradecer a Boiadeiro, ela era arquiteta de formação e refez o projeto da laje onde antes ficava a cabana dele, devolvendo o lugar para o caboclo. A cabana do caboclo é um local onde é possível reverenciar, homenagear e chamar a presença da entidade. É uma condensação de sua força, um ponto de convergência do movimento que caracteriza seu modo de trabalhar, seus vínculos e relações.

O copo d'água, a guiada e cabana entram no arranjo que particulariza a vida de Boiadeiro Menino implicado nos vínculos que o caboclo tece. Saber chegar, saber caminhar sem empatar o caminho de seus amigos parece um modo fundamental para a maneira em que Boiadeiro Menino se coloca em relação, percorrendo movimentos com outras entidades e pessoas. Se ele arrisca uma atitude a se completar vinte anos depois é porque seu caminho ressoou na vida de outros que souberam deixar ele trilhar seu próprio ritmo, sua

maneira de andar. Recebendo orientações de mais velhos, ensinando os mais novos, cultivando amizades e integrando o cosmo por meio do gesto, entidades e pessoas inscrevem variações nos fluxos vitais do tempo e da vida.

Referencias

DELEUZE, Gilles Conversações São Paulo, Ed.34, 2021;

DELEUZE, Gilles PARNET, Claire Diálogos São Paulo: Escuta, 1998;

GIL, José O movimento total: O corpo e a dança Lisboa: Relógio D'água, 2001;

GOLDMAN, Marcio Do outro lado do tempo: Sobre religiões de matriz africana Rio de Janeiro: 7 Letras, 2023;

MARQUES, Lucas de Mendonça Caminhos e feituas: seguindo ferramentas de santo em um candomblé da Bahia Rio de Janeiro, 2016 Dissertação de mestrado PPGAS-UFRJ;

MARTINS, Leda Maria Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela Rio de Janeiro: Cobogó, 2021;

RABELO, Miriam ARAGÃO, Ricardo Caboclos e orixás no terreiro in Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 38(1): 84-109, 2018;

RABELO, Miriam Enredos , feituas e modos de cuidado: dimensões da vida e da convivência no candomblé Salvador: EDUFBA, 2014.